

# DA MORFOLOGIA URBANA AO *GENIUS LOCI*: ANÁLISE DAS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS NA CIDADE DE CAPITÃO ENÉAS

João Pedro Ferreira dos Santos<sup>1</sup>  
*Estudante de Mestrado do Programa de Pós-graduação em  
Desenvolvimento Social - PPGDS - Unimontes*  
joaopedroferreira.st@gmail.com

Narciso Ferreira dos Santos Neto<sup>2</sup>  
*Professor do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento  
Social - PPGDS - Unimontes*  
narciso.ferreira@unimontes.br

## Introdução

A cidade, *locus* das relações sociais e das práticas cidadinas, emoldura um cenário de multiplicidades urbanas. Seus aspectos formais, como a organização espacial, o desenho urbano, a arquitetura e a morfologia da paisagem constituem o fio condutor dos modos de produção, reprodução e apropriação do espaço, os quais poderão promover hábitos saudáveis ou danosos para a vitalidade das cidades.

Este é o pano de fundo que orienta pesquisadores e estudiosos das temáticas urbanas na busca por respostas às controvérsias que permeiam a vida das cidades contemporâneas. Embora estas discussões estejam em suma pautadas no entendimento das dinâmicas das grandes cidades, explorar este mesmo cenário dentro do contexto de pequenas cidades significa corroborar com o arcabouço científico para a construção de planos de planejamento urbano eficazes ao desenvolvimento da urbe.

Diante deste recorte, traz-se ao foco das análises a cidade de Capitão Enéas, localizada a 54 km de Montes Claros, no norte de Minas Gerais. A conjuntura de suas formas de cidadinidade serão investigadas a partir das relações socioespaciais no município, ao examinar como estas podem estar relacionadas aos aspectos físicos da paisagem urbana e os sentidos de *genius loci* - espírito do lugar - explorando de que maneira o território influencia o modo como o espaço é utilizado e apropriado.

## Fundamentação teórica

Segundo Gonçalves (2010, p. 17) “A paisagem é reveladora da vida urbana que estimula as relações sociais. Diversos atores sociais produzem a cidade e, ao produzi-la, produzem a si mesmos enquanto sujeitos e cidadãos”. Este conceito, leva a compreender que o espaço geográfico, intrinsecamente tomado por ações antrópicas, está para o cidadão assim como o palco está para o artista - são nestes locais que o exercício daquilo que é elementar a sua vitalidade acontece.

Arraigado à produção das cidades e ao entendimento das dinâmicas espaciais, está a compreensão do sentimento de urbanidade. Este, como interlocutor das relações sociais, baseia-se na idealização da construção coletiva do espaço, das interpretações e dos significados atribuídos pelo indivíduo ao locus.

O conceito de urbanidade entendido como a dimensão ética da cidade procura resgatar a dimensão humana da cidade. Isso levaria à busca do desejo de reconhecer e ser reconhecido enquanto habitante da cidade, dividindo o espaço urbano com tantos outros conhecidos e desconhecidos e construindo aí lugares de significados constituintes do espaço urbano. Essa perspectiva converge para a noção de que o espaço urbano é coletivo, e nele, não se pode prescindir dos outros em nenhum momento. (GONÇALVES, 2010, p. 19-20)

A expressão urbanidade, pautada no reconhecimento do cidadão como sujeito da urbe e formulador dos sentidos concedidos à ela, atribui ao espaço urbano uma série de percepções intimamente relacionadas aos estudos da psicologia ambiental. Esses estudos destacam a noção de identidade do lugar, que está associada às sensações de valoração pessoal imputadas ao ambiente físico, adquiridos pela legitimidade com que indivíduo se apropria das diferentes formas do espaço, seus conceitos e as transformações deixados por ele (GONÇALVES, 2007 *apud* Martinez; GONÇALVES, 2010).

A abordagem da psicologia ambiental, ao analisar o ambiente e o modo como este impera sobre o comportamento humano, suas emoções e percepções correlaciona-se ao que se nomeia por *genius loci* - o espírito do lugar - ou *locus*. Um conceito que remonta à antiguidade quando acreditava-se que os lugares eram providos de uma divindade que regia seus acontecimentos. Ainda de acordo com a ideia de *genius loci*, os elementos construídos e o lugar estão em constante ligação, mas esta interação independe do espaço geográfico (INOUE, 2022 *apud* ROSSI, 1966).

Ainda para Inoue (2022, *apud* NORBERG-SCHULZ, 1980) o *genius loci* denota uma leitura da comunicação entre a arquitetura e o local onde ela se insere. A materialização do solo edificado se integra ao espaço pré-existente, conduzindo a uma experiência de orientação e identificação, são essas relações com o ambiente que permitem ao sujeito criar uma identidade do lugar. Por certo, essa conceituação não se dissocia de outro premissa comumente adotada para compreensão dos aspectos espaciais, a morfologia urbana.

O campo da morfologia urbana, como estudo das formas urbanas, dos elementos físicos e dos processos de transformações humanas, busca interpretar as nuances da paisagem das cidades. De acordo com Lamas (2011, p. 37, *apud* INOUE, 2022) “A morfologia urbana estudará essencialmente os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, definindo e explicando a paisagem urbana e a sua estrutura”. Ainda que seus estudos da morfologia estejam associados aos arquitetos-urbanistas, não categoricamente se restringe a estes, ampliando-se à geógrafos, engenheiros, antropólogos, sociólogos, historiadores entre outros, que buscam entender os fenômenos das cidades.

Fernandes (2016 *apud* INOUE, 2022), ressalta que a morfologia urbana impera sobre três momentos, o primeiro momento, o histórico, onde são conhecidas as transformações urbanas ao longo do tempo; o segundo momento, o atual, observado sob a ótica do desenho urbano e as interpretações profissionais do conhecimento adquirido; e o terceiro, o futuro, pautado no planejamento urbano, sob a égide da teoria e da prática. Essa fundamentação, utilizada como referencial para diagnóstico da paisagem, possibilita sua multiplicidade de interpretações.

Segundo Capel (2002), seja enquanto ponto de partida ou enquanto ponto de chegada, a análise da paisagem conduz a busca por explicações sobre seu processo de construção, questionando suas dinâmicas, seus símbolos e as ações nela produzidas, como marcas temporais de seu desenvolvimento. Conforme o autor, a morfologia urbana revela as estruturas que constituem o espaço construído, sua leitura evidencia as manifestações políticas, sociais, culturais e econômicas dos grupos que formam a sociedade e indica os vestígios daquilo foi praticado. (CAPEL, 2002). Com efeito, as contribuições da morfologia urbana para entendimento dos aspectos físicos temporais das cidades, possibilitaram uma nova interpretação da paisagem urbana e das significações humanas que dela eclodem.

### **Desenvolvimento do Tema**

A cidade enquanto palco das relações sociais, se desdobra em uma série de decodificações que podem tanto catalisar quanto desestimular os modos de apropriação do espaço. Essas experiências levam a entender que as pequenas cidades, interpretadas a partir de uma perspectiva comum de imutabilidade e monotonia, são o recorte de um cenário de linearidades. Contudo, esse estado não é permanente, e as transformações econômicas remodelam sua função no território (DIAS; SOUZA; ENDLICH, 2022).

Embora essas transformações cumpram importante papel na análise das dinâmicas das pequenas cidades, essa conceituação está longe de ser um ponto de vista comum para seu estudo, fazendo com que métrica da dimensão populacional seja norteadora de grande parte das interpretações. No entanto observa-se que a leitura das pequenas cidades tem ganhado novas discussões, corroborando na construção de um arcabouço teórico multidisciplinar e importante ponto de partida ao estímulo das análises segundo a morfologia urbana, ainda que seus aspectos populacionais sejam essenciais no entendimento de sua correlação com outras cidades. (DIAS; SOUZA; ENDLICH, 2022).

Em consonância a essas percepções, as narrativas do espaço urbano ganham substrato na identificação das relações que levam à sua formação ou reformulação. Essa ideia está vinculada à imagem da cidade, orquestrada pelos reflexos sensoriais causados no indivíduo em razão dos aspectos sociais, estéticos e ecológicos da forma urbana. Esses reflexos ofertados ao espaço - e intrínsecos aos sujeitos - estão reciprocamente ligados àquilo que lhes é devolvido pelo espaço como pano de fundo da vida urbana.

A qualidade da vida urbana está diretamente ligada à qualidade das cidades, e essa virtude pode ser percebida no ir e vir, como a exemplo das calçadas. Esse elemento arquitetônico, como parte da cidadania, deve ser observado além de seus atributos técnicos-formais, mas sim como componente de comunicação e externalidade do indivíduo com a cidade. (GONÇALVES, 2010).

A unissonância entre a cidade e a calçada só é possível graças à rua. A calçada e a rua não se dissociam, uma está inerente à outra. Para Gonçalves (2010), a calçada como completo da rua, deve favorecer seu aproveitamento com segurança, dispor de boas condições de uso em uma superfície plana e regular, dotada de acessibilidade, iluminação e elementos paisagísticos que favoreçam a mobilidade de diferentes tipos de usuários das cidades. A autora ainda destaca, que as variadas formas de vida pública das cidades se tornam possíveis através da sociabilidade exercida nas calçadas.

Para Amaral (2015), os processos relacionais - economia, o meio urbano, mobilidade - e a produção do espaço estão inerentemente associados à temporalidade e à corporalidade das transformações sociais. O autor aponta ainda, retomando às abordagens de Henri Lefebvre e Milton Santos, que o espaço enquanto produto e produtor das relações sociais, pautado no ir e vir cotidiano das pessoas e de seus bens, paralelamente, se faz no espaço e é parte dele - o espaço social.

A mobilidade pode então ser entendida como a conexão entre os *lugares de copresença* (todos os lugares onde se realizam atividades humanas: moradia, trabalho, lazer, comércio, estudos etc.), expressa através de um investimento (em tempo, em dinheiro e em conforto) que torna possível uma interação social. Há uma relação dialética entre os processos de localização das pessoas (habitação) e os processos de mobilidade - conexão real ou latente entre os *lugares de copresença* que formam a cidade. O desdobramento imediato da ideia de que mobilidade é a contrapartida da localização das atividades sociais no espaço é que a localização é o fator fundamental da necessidade de mobilidade (quantitativa e qualitativa), evidenciando a importância da *distância* (expressa em espaço e/ou tempo) entre os diversos *lugares de copresença*. (AMARAL, 2015, p. 491)

Outra perspectiva relevante para o contexto nas interações sociais, está associada a características ambientais da paisagem. É indiscutível que a presença da vegetação confere ao espaço benéficos torrenciais à qualidade da vida urbana. Embora sejam raras as cidades que possuem abundantes áreas verdes em seu perímetro, devido aos processos urbanísticos modernistas, a pequena parcela de vegetação existente contribui para mitigar danos à saúde humana e atua como um importante mecanismo de bem-estar, melhorando, por exemplo, o microclima (MARTINEZ; GONÇALVES, 2010).

Além disso, Martinez e Gonçalves (2010) destacam que as investigações acerca das interações homem e natureza são exponenciais ao entendimento do simbolismo atribuído à vegetação no contexto urbano. Embora seja previsível que questões culturais influenciem a maneira como essas interações são entendidas, é inegável que estudá-las contribui significativamente para a promoção de alternativas e novas perspectivas sobre a qualidade ambiental nas áreas urbanas e seus impactos na vida da população.

De fato, observa-se que a integração da vegetação ao meio urbano tem se mostrado eficaz nos processos cognitivos dos indivíduos em relação à cidade. Pensar em estratégias para implementar áreas permeáveis e elementos naturais - como árvores, arbustos, flores, gramíneas, e corpos d'água - no espaço urbano tem contribuído significativamente para valorizar a apropriação espacial.

Corroborando ao entendimento das perspectivas anteriormente citadas, tomarão por análise as relações socioespaciais na cidade de Capitão Enéas, localizada no norte de Minas Gerais. O município conta com uma população estimada de 14.108 habitantes (IBGE, 2022) e uma extensão territorial de 971 km<sup>2</sup> com densidade demográfica de 15 habitantes/km<sup>2</sup>. A cidade planejada com largas ruas e canteiros centrais, teve seu traçado inspirado na cidade de Brasília, sendo reconhecida como cidade das avenidas. Sua topografia predominantemente plana, propicia a implantação de equipamentos públicos e outras instalações, além do sistema de drenagem urbana, a mobilidade, dentre outros.

Devido a essa e outras características da paisagem de Capitão Enéas, o crescimento da cidade ao longo dos anos tem se adaptado de maneira satisfatória ao seu sítio. No entanto, é questionável se os modos de apropriação do espaço urbano tem acompanhado efetivamente esse crescimento. Ao analisar sua morfologia urbana, pretende-se entender se os aspectos físicos e formais da cidade têm favorecido o cenário atual de vitalidade urbana, as dinâmicas citadinas e as percepções cognitivas de identidade do lugar.

A observação da ausência ou presença dos elementos arquitetônicos - edificações, calçadas, mobiliários urbanos, sinalização, iluminação etc. - bem como dos elementos paisagísticos - áreas permeáveis, vegetação, corpos d'água - serão levados em consideração no entendimento do simbolismo atribuído ao espaço e como estes influenciam nas relações antrópicas, nos deslocamentos e no conceito de imagético da cidade.

## **Conclusão**

A partir da ótica citada, entende-se que a cidade, palco de manifestações econômicas, sociais, políticas e culturais de uma sociedade, resulta de uma produção coletiva de transformações. Seu espaço geográfico emoldura e reverbera os interesses, as necessidades e os desejos de seus habitantes, construindo uma paisagem heterogênea que pode ser percebida de maneiras diversas.

Por certo, a compreensão das características morfológicas do ambiente, garantem que as estratégias de integração da natureza aos costumes de uma população seja efetiva em seus resultados. Essa assimilação, possibilita implementar estratégias que se adequem efetivamente às necessidades locais, oportunizando uma melhoria significativa na qualidade de vida dos que ali residem (MARTINEZ; GONÇALVES, 2010).

Diante do exposto, ao examinar a estrutura física das cidades e as formas como os indivíduos e grupos utilizam e transformam esses espaços, é possível identificar padrões de desenvolvimento e de interação social que moldam a vida urbana. Essa abordagem, integrada à análise do contexto urbano de uma pequena cidade, permite não apenas uma melhor gestão do crescimento urbano, mas também a promoção de estratégias que favorecem a coesão social, a sustentabilidade ambiental e a melhoria da qualidade de vida.

## **Referências bibliográficas**

GONÇALVES, Teresinha Maria; SANTOS, Robson dos. **Cidade e meio ambiente**: estudos interdisciplinares. Criciúma, SC: EdiUNESC, 2010. 354 p. ISBN 9788588390669 (broch.).

INOUE, Luciana Massami. **Morfologia urbana, paisagem e "Genius Loci"**. Oculum Ensaios,

[S. I.], v. 19, p. 1–19, 2022. DOI: 10.24220/2318-0919v19e2022a4903. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/4903>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ENDLICH, Ângela Maria; FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. **Contribuições para a compreensão, planejamento e gestão de pequenas localidades**. Maringá, PR: PGE - UEM, 2022. 287 p. ISBN 9786588495032 (broch.).

CAPEL, Horacio. **La morfología de las ciudades. Tomo I: Sociedad, cultura y paisaje urbano**. Ediciones del Serbal, SA, 2002.

COSTA, Geraldo Magela; DE MOURA COSTA, Heloisa Soares; DE MELO MONTE-MOR, Roberto Luiz (Ed.). **Teorias e práticas urbanas: condições para a sociedade urbana**. C/Arte, 2015.